

Alice Sant'Anna

hoje

Roland Barthes, na anotação correspondente à aula inaugural de *A Preparação do Romance*, reflete sobre a sensação de estar no meio do caminho, na metade aritmética da vida, no momento em que percebe: os dias estão contados. É quando o sujeito, ele diz, tem uma “tomada de consciência ‘total’, precisamente aquela que pode determinar e consagrar uma viagem, uma peregrinação num continente novo” (Barthes 2005: 5). Ele chama este instante de “a dobra decisiva”.

O passo seguinte é constatar: não se pode mais experimentar muitas vidas. Já não há tempo para seguir muitos caminhos. É preciso escolher um só, “minha última vida, minha vida nova” (Barthes 2005: 8). E, para Barthes, não há maneira de se dedicar a uma vida nova se ela não trouxer consigo uma nova prática de escrita.

Acontece que escrever e viver nem sempre andam de mãos dadas. “Presente: ter o nariz colado à página; como escrever *longamente*, *correntemente* (de modo corrente, fluido, seguido), tendo um olho sobre a página e outro sobre ‘aquilo que me acontece?’”, pergunta Barthes. É um beco sem saída, já que escrever seria a “captura desse texto paralelo, o texto da vida ‘contemporânea’, concomitante” (Barthes 2005: 36).

Em algum momento da adolescência, passei a achar que a coisa mais importante para escrever, muito mais do que disciplina, era ter uma vida interessante. Uma vida com histórias para contar, com o máximo possível de experiências, como alguém que recusa poucos convites.

Não conseguia escrever em casa. Escrever tinha a ver com movimento, com uma espécie de solidão compartilhada. É como aquilo que o Paul Auster disse, citando Pascal, sobre a infelicidade do homem estar inteiramente ligada à dificuldade de encarar a solidão do próprio quarto.

Eu devia ter uns quatorze anos quando meu avô me levou para Paris. Fui com a minha prima mais nova, Laura. Meu avô sempre gostou muito de viajar. Navegava pela cidade com total desembaraço, sem mapa, sem pedir informação. Conhecia tudo de cor, as lojas, os monumentos, as igrejas, as ruas, os ônibus, as linhas de metrô.

Gastava pouco, anotava cada pagamento a lápis num caderno. Um dia, nessa viagem, me pediu um troco emprestado. Anotou no caderno e devolveu aquela quantia exata, três euros e trinta centavos, ou coisa que o valha, sem uma moeda a mais ou a menos.

Meu avô não gostava de perder tempo. Os dias eram cheios e intensos, sem chance de dormir mais dez minutos ou sentar num café para ver as pessoas passarem. Ele estava nos apresentando uma cidade pela primeira vez, e nada podia ficar de fora. Uma das lembranças mais fortes dessa viagem é de quando fomos a um supermercado em Saint Germain. Ele mostrava as prateleiras, os morangos, cada fruta, com a mesma veemência de quem está diante de uma obra-prima no museu. As vitrines das lojas de doces, de roupas, de livros, de antiguidades, tudo merecia a mesma atenção.

Nos museus, o entusiasmo dele era total. Em alguns, pegamos fila e pagamos a entrada só para ele nos mostrar dois ou três quadros. E ficávamos ali, na frente das ninfeias, por horas. Ele dizia para olharmos bem, com cuidado, cada detalhe, e explicava que aqueles quadros tinham sido pintados quando Monet já estava velho, cego, com glaucoma, e as pinceladas foram ficando mais bruscas, mais grosseiras.

Tirei uma foto dele na frente de uma dessas telas, um quadro azul escuro, mais para o roxo. Está ali o seu olhar satisfeito para a câmera, seu bigode branco, sua postura altiva, sem sorriso (ele não é de sorrir para as fotos). Não dá para ver a moldura do quadro. Parece que meu avô está dentro da paisagem.

Na saída do museu, na escada, ele tirava do bolso uma barra de chocolate amargo, quebrava pequenos quadradinhos, comia um e dava um para cada uma de nós. Não comprávamos nada, no máximo um postal.

Enquanto escrevo, meu avô ainda está vivo. Mas está em casa, ligado a um aparelho de oxigênio. Vai de cadeira de rodas até o banheiro. Já não tem mais interesse em acompanhar as notícias, ler sobre história, ver filmes. Tem pouca energia para conversar também. Este mês, completa 94 anos.

Pensando bem, escrever talvez tenha a ver com essa característica do meu avô de tentar não perder nada, manter o interesse, a curiosidade, o entusiasmo, buscar absorver, compreender, estar disposto, não ter preguiça, levar a vida mais interessante possível.

NOTA

* Alice Sant'Anna é mestre e doutora em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio. Publicou os livros de poesia *Dobradura* (Rio de Janeiro, 7 Letras, 2008), *Rabo de Baleia* (São Paulo, Cosac Naify, 2013) e *Pé do Ouvido* (São Paulo, Companhia das Letras, 2016).

BIBLIOGRAFIA

Barthes, Roland (2005), *A Preparação do Romance*, trad. Leyla Perrone-Moisés, São Paulo, Martins Fontes, v. 1.